

# AMOCIDADE

HEBDOMADARIO SCIENTIFICO E LITTERARIO MUNICIPIO DE BARCELLOS  
BIBLIOTECA

## COLLABORADORES

Accacio Borges—Albano Coelho—A. V. Cid—Dr. Alves Mendes—Dr. Alves da Veiga —  
Antonio Fogaca — Antonio Pleias—Augusto de Castro—Augusto de Mesquita—B. Caldas—Bernardino  
de Senna Freitas—Dr. Delfim de Carvalho—Candido da Cruz—José Alves de Faria—F. C. Vas-  
ques—Ernesto Leitão—Francisco Bastos—Ignacio Carneiro—Joaquim José Martins  
J. C. V.—Armelim Junior—Dr. Pereira Caldas—Pinto da Rocha—Sebastião Pereira da  
Cunha—Silvestre Falcão—Joaquim Alves da Silva—Dr. Antonio Julio de Miranda—Dr. José  
Maria de Figueiredo, etc, etc.

## SUMMARIO

*Chronica* por Pirolito. *Victor Hugo e o romantismo* por Candido da Cruz. *Ondas* por Augusto de Mesquita. *Os Achantis* (continuação) por F. C. Vasques. *Aos Jesuitas* por Augusto de Mesquita. *Historia Verdadeira*, por Alvaro Lagrin. (Sciencias) *Impressões d'um artigo do sr. Pereira Caldas* por Julio C. Vasques. *A historia das fermentações* por A. V. Cid. *A lei da concorrência nas sociedades modernas* por Antonio Pleias. *Em familia* (Passa-tempos). *Expediente*.

## CHRONICA

Eis um dia em que tenho tido vontade de dar ao diabo a ideia que tive de me fazer chronista.

Tenho andado com uns appetites de não fazer coisa nenhuma, de não escrever nada, de me deitar ao comprido n'uma *chaise longue* (se a tivesse) e fumar o meu bello cigarrinho, o *classico cigarro matrafão*, e depois, immaginariamente repoltreado, sonhar, sonhar, acordado, mil coisas bonitas e... mas... (já tardava o mas), mas, como ia dizendo, tenho de abandonar a fagueira e seductora ideia que me sorria do *dolce far niente*, empunhar a penna, não como o Magriço das eras passadas empunhava a espada em defesa das damas (porque, felizmente para mim, a «Mocidade» não tem inimigos), mas para traçar n'este papel quatro linhas que me parecem d'um comprimento desmedido, desconforme, interminaveis, para cumprir o meu dever, a minha obrigação.

E, visto não poder escapar-me a esta tarefa, sempre me resolvo a tomar uma boa dose de coragem tara levar esta cruz ao Calvario, sem um Cyrineu salvador que me venha ajudar a leval-a.

Não sei se leram o ultimo numero da Illustração de Mariano Pina. Traz a apreciação d'um livro de versos, intitulado — *Folhas d'Hera* — de Alfredo Alves, apreciação que vem firmada com o nome de — Figaro.

Li-a de *fió a pávio*, mas deu-me no *gôto* o modo como o snr. Figaro começou o seu artigo, dizendo que detestava os *prologos* e os *prefacios*.

E diz assim:

Detesto-os!...

Detesto-os, porque o auctor do livro toma immediatamente um aspecto de menino protegido, de menino orphão, ao qual é necessario dar a mão, para que não escorregue, para que não caia, ao dar os primeiros passos n'esta senda espinhosa que...

Detesto-os, porque confere ao auctor do prefacio um diploma irritante de *magister*, explicando o auctor, o temperamento do auctor, a tendencia do espirito do auctor, e explicando o fim e a influencia da obra, como se nós todos que lemos, fossemos uns alarves incapazes de surprehender e sentir o sentido da coisa escripta!

Detesto-os! detesto-os!! detesto-os!!!

Tambem eu os detestaria, se, comtudo, lhes não encontrasse vantagens que compensam d'algum modo os *contra* que mencionou; sem elles os livreiros não editariam as obras d'um *debutante*, sem elles não haveria metade da extracção da obra d'um escriptor novato, sem elles talvez a obra ficasse completamente ignorada se o auctor já não tiver um nome conhecido no mercado.

E, não pense o amigo, que é uma meia duzia de pessoas illustradas que comprehendem bem o que os outros escrevem, que fazem exgotar as edicções! são os que tem uma instrucção de *meia tigella*, os que tem a cabeça cheia d'uma sciencia *balosa*, sciencia de *botequim* (que é do que se encontra mais em Portu-

## VICTOR HUGO E O ROMANTISMO

gal) que as exgotam, que leem os livros para ao outro dia irem fazer critica entre baforadas de fumo tresandando a canna e a varios outros licores e as pedras d'um dominó, adquirindo, d'este modo, o nome de pessoa que sabe o que diz, de bom gosto litterario, de pilheria e d'uma critica... acima de tudo.

Se ha gente que nem poupa os litteratos e poetas de reconhecido merito! se ha gente que diz que Guerra Junqueiro não sabe fazer versos e outras barbaridades n'este gosto!!

Mas não é só isto; se um novalo se approxima d'um livreiro para lhe vender o seu trabalho, qual pensa o amigo que será a primeira pergunta do livreiro?

Traz prefacio?... de quem?...

Ainda na questão do dinheiro se faz sentir a influencia do prefacio.

Se o auctor é pobre e quer arranjar alguma coisa por meio das letras não arranja nada... offerecem-lhe uns vintens e d'um modo tão insultante, tão infame, tão revoltante, ferindo-o no seu amor-proprio, que não lhe fica vontade de se metter n'outra.

E' uma extravagancia, porque não precisam, dizem os livreiros, de arriscar o dinheiro em coisas que lhe não dão lucro e depois a obra... sim, a obra... não está a seu gesto... está imperfeita... e emfim, vá lá, não dou mais e isto já é por favor!! é por consideração ao snr. Fulano (o tal do prefacio)...

Ha excepções, felizmente).

E o pobre do auctor, convencidissimo de que o roubam, sempre vae deixando ficar o original por um pequenissimo preço, para não perder tudo... preço que não lhe compensa as muitas noites perdidas, e tudo isto, porque precisa.

Olhe, amigo, endireite o mundo e depois seremos dois a desprezar os prefacios e os prologos mas por emquanto parece-me que têm alguma utilidade.

Quero terminar porque já me estão puxando pelas abas do casaco, dizendo-me ao ouvido que já excedi o espaço destinado á chronica e que assim n'este andar não deixo logar para se publicar uns versos do snr. Augusto de Mesquita e mais uns...

Quero terminar, já disse, mas esqueci-me d'uma coisa que queria dizer... Ah!... já me recordo... A redacção da «Mocidade» cumprimenta e felicita o seu collega barcellense a «Gazeta do Povo» pelo seu terceiro anniversario.

As felicitações já não vão quando deviam ir, mas desculpe-nos o nosso caro collega a falta que tivemos, devido á barafunda que por cá houve com o 6.º numero. Perdão, pois, pela demora e aceite-as que são cordeaes,

Barcellos 15-6-87.

Pirolito.

O mundo intellectual tambem tem o seu firmamento, onde scintillam de espaço a espaço as fulgurações do genio. D'entre esses corpos luminosos, muitos são simples meteoros que perpassam rapidos deixando apoz si o rasto luzentissimo da sua passagem, porém, outros são verdadeiros soes, que com um immenso poder d'atração mantem á sua volta numerosos satelites que se reflectem n'elle, constituindo-se assim sistemas diversos.

Infelizmente até hoje por effeito d'uma lenta transmissão da luz, só quando todos esses astros, depois de terem percorrido a sua orbita, se perdiam nas paragens do ignoto, é que attraíam as atenções e homenagens da posteridade. Não lhes bastava passarem desapercibidas as irradiações do seu espirito, a gloria exigia mais: aos predestinados do genio era preciso que ao penetrarem no pantheon da immortalidade a frente lhe sangrasse com a coroa do martyrio.

Foi a gloria que arremeçou Socrates a um antro e lhe forneceu a cicuta com que havia de remir o crime de emitir ideas que o seu tempo não attingia. Foi ella que fez Gallileu parricida sacrificando as suas convicções na fogueira do fanatismo. Foi ainda a gloria que tornou Tasso um louco e fez dos Luziadas a mortalha que envolveu o corpo de Camões, morto no catre da mendicidade. Hoje, porém, não! O seculo XIX notavel pelo passo gigantesco que deu no caminho da civilização, comprehendeu que o melhor attestado que podia legar aos vindouros, do seu engrandecimento, era o respeito que professa pelos grandes homens. Sendo elle por assim dizer a synthese de todos os elementos civilisadores creados pelos seculos passados, não se podia abastardar, acceitando sem reacção, essa nefasta herança que macula as mais luminosas paginas da historia. E' necessario que os preferidos do talento não o sejam tambem da adversidade, que o seu ultimo alento não seja uma maldição n'uma lagrima, mas uma benção n'um sorriso.

A velhice de Victor Hugo decorreu n'uma apothese constante. Aos seus ouvidos echoavam os sons d'esse hymno que lhe entoava todo o mundo civilizado. A França, justamente ciosa, chamava-lhe filho, mas a admiração não procurou saber que sol lhe illuminou o berço, ou que auras perfumadas bafejaram os seus primeiros alentos para lhe depôr aos pés o mais enthuziasta e respeitoso preto. Victor Hugo ao sentir apagar-se a scentelha que o animava, já sabia que o seu nome seria immorredouro, resistindo incolume á passagem devastadora do tempo e symbolisaria uma das mais completas e grandiosas revoluções que o espirito humano tem operado nos dominios da arte.

A despotica imitação que a Renascença fez surgir, e a que por tanto tempo esteve acorrentada a arte, só tem justificação na perfeição que attingiram as litteraturas grega e latina.

A Allemanha foi uma das primeiras nações que comprehendeu o movimento revolucionario em Tieck, Goethe, Lessing e Schiller e tendo até então uma litteratura quasi desconhecida, depara com um precioso filão nas suas tradições populares. A' Inglaterra chega a vez de mostrar em toda a luz o incomprehendido Shakespeare, Thomaz Moore canta as tradições da Irlanda, Walter Scott recolhe os contos populares e pinta a natureza da Escocia e os costumes dos *clons* e o bispo de Percy publica as velhas *balladas*.

(Continua)

Candido da Cruz.

---

## ONDAS

---

Ao vêr teu rosto tão bello  
Como um bouquet d'alvoradas,  
E essas curvas delicadas  
Das ondas do teu cabelo

Saem de mim, como a lava  
Da cratera do vulcão  
As ondas que eu occultava  
D'uma intima paixão!

Deixa espriar essas ondas  
Mais fortes do que as do mar...  
E nunca, nunca me escondas  
As ondas do teu olhar!

Porque esse olhar, ó creança  
Formosa, timida, e pura,  
Traz á minha alma a ventura  
Na luz suave da esperança

Nunca me negues o olhar,  
Esse estuio tão doce,  
Tão meigo... ou elle não fosse  
Feito d'ondas de luar!

Porto.

Augusto de Mesquita.

---

## OS ACHANTIS

---

### OS SEUS HABITOS E COSTUMES

---

(JULES GROS)

CAPITULO I

#### Do governo e Justiça

(Contin. da pag. 27)

Os homicidas são torturados durante um dia antes de serem decapitados. Logo de manhã um sequito

de executores acompanha o homicida. Depois de lhe terem passado um cutello atravez das faces introduzem-lhe profundamente uma forquilha em cada espádua e deitam-lhe uma corda ao pescoço. Esta corda é segura por um dos executores que caminha após elle.

Dois outros algozes seguram-lhe cada um o seu braço e fazem-no andar ao som de tambor e flauta rodeado da plebe, pela cidade que elles circumdam.

Em cada praça publica o cortejo pára e um dos executores corta ao paciente um bocado de carne de qualquer parte do corpo indistinctamente; e em seguida obrigam-no a dançar acompanhado a tambor. Se o pobre diabo não se presta de vontade a esta graça os executores pedem aos numerosos garotos que os seguem, um tição e applicam-lh'o sobre as feridas. Esta sensação dolorosa faz saltar o desgraçado que os musicos, com os sons dos instrumentos, acompanham e que a plebe applaude com as suas zombarias e gargalhadas.

Dura esta primeira serie de supplicios toda a manhã. Pela volta do meio dia conduzem o suppliciado a uma casa onde lhe servem um caldo e um copo de vinho de palma para lhe restaurarem as forças. Começa de novo o passeio até á noite.

O executor tem um extremo cuidado em que o paciente viva todo o dia; porque se casualmente o pobre diabo sucumbe antes da noite, isto é, antes de ter soffrido todas as torturas consagradas pelo uso, seria elle obrigado a substituil-o e soffrer todos os supplicios destinados á victima.

O condemnado depois da refeição restauradora é levado á presença do rei para dansar. Um grande numero d'elles dansam de boa vontade, evitando, d'este modo, novas e terriveis torturas. A estes tem o rei o costume de dizer:

Muito bem, vejo que és um homem!

Logo depois manda-lhes cortar a cabeça.

Mas outros ha que só á força é que dansam, ájuda do processo já descripto. A esses manda o rei que os matem lentamente.

Cortam-lhes então as pernas uma de cada vez e ás vezes tambem as mãos e finalmente a cabeça.

Outras vezes os executores arrancam-lhe a pelle das costas dizendo-lhe, em forma de gracejo, que, se ainda a não tinha visto, gosava n'esse dia d'aquelle privilegio.

Aqui, como em toda a parte, apparecem casos em que a justiça é embaraçada e incerta por falta de testemunhas. Então recorre-se a uma especie de *prova* ou *jujgamento por Deus*.

(Continua.)

F. C. Vasques.

## AOS JESUITAS!

Ha tanta podridão na vossa alma escura,  
Ha tanta e tanta treva, e tão assustadora,  
Que mesmo, quero crêr, que se alguém por ventura  
A banhasse na luz esplendida d'aurora  
—Que doira a vastidão da abobada infinita—  
Nos risos da creança, e do luar na alvura,  
Quero crêr que ainda assim vossa alma vil, maldita,  
Havia de ficar da mesma forma escura!...

Porto.

Augusto de Mesquita.

## HISTORIA VERDADEIRA

Ao João Morgado.

Era um rapasito novo, quinze annos talvez, muito pertencioso, muito cheio de *pose*, querendo dar-se uns ares de rapaz da moda, do chic.

Filho d'um negociante da baixa, ao domingo deixando só o caixeiro na loja ia dar o seu passeio á Cordoaria. Era lá que fazia o seu campo de conquistas.

*Delitanti* da musica barata dos jardins publicos, aos domingos, namorava as meninas anemicamente burguezas que ahí vinham mostrar as suas toilettes, os seus luxos, e a sua elegancia.

Um dia, sentiu lá dentro a fervilhar-lhe na mente a ideia seductora de namorar uma das vizinhas.

As vizinhas eram trez, todas manas, muito alegres e muito trocistas. Duas só, é que estavam nas condições de agradar ao pobre rapaz, conquistador de officio.

Não lhe deram tréla, como se costuma dizer, antes o troçaram muito, quando elle um dia pendurado n'um charuto de meio tostão, lhe passou á porta muito pertencioso, muito bom, querendo dar-se ares de rapaz do chic, da moda.

Jurou vingar-se, e um dia vindo no conhecimento de que alguém lhe requestava as vizinhas, e que essas davam algum cavaco aos seus rivaes, planeou a vingança, que devia ser terrivel segundo a seu pensar; e quando por uma tarde de inverno a creada d'ellas lhe entrou na loja a comprar caffè, elle com a costumada *pose*, perguntou-lhe quem eram os namoros das meninas.

—Não sei, disse ella.

—Pois sei eu, tive ha dias a pachorra de estar uma hora encostado ao lampeão de cima, e vi, primeiro, ir fallar um rapaz empregado commercial cujo nome me não recordo e depois o Antonio Alves, um estudante.

—Ah, sim? tornou a creada, pois eu não sabia!

—Pois é verdade. Tambem não sei qual a razão porque ellas não quizeram tomar amores commigo?...

—Decerto porque não gostavam de si.

—Quer a menina tomar amores commigo?

—Ora, sabe que mais; cresça e appareça—resmungou a creada saindo pela porta fora, enquanto elle, muito pertencioso, e muito encavacado sacudia, para disfarçar o seu encavacamento, a calça que lhe caia descuidada sobre o sapato de ourolo.

1887.

Alvaro Lagrin.

## SCIENCIAS

### Impressões da leitura do artigo «electricidade» do snr. Pereira Caldas

Li com o maximo interesse o artigo de sua ex.<sup>a</sup> por tres rasões: já por conhecer tradicionalmente o talento de que a natureza o doptou e a força de vontade de que dispõe—vontade de estudo de que bem poucos se podem gabar—já pelo assumpto moderno, por assim dizer contemporaneo, de que lançou mão e já ainda pela curiosidade de ver como o tratava.

Não tenho o gosto de conhecer pessoalmente o snr. dr. Pereira Caldas mas conheço-o sufficientemente pelos seus escriptos para poder affirmar, sem receio de me enganar, que s. ex.<sup>a</sup> é um professor distinctissimo, de alto merito e de profundo saber.

E, a respeito de cumprimentos ficarei por aqui, porque não quero que os leitores digam que lancei mão da penna, traçando no alto do papel a palavra *impressões* com o fim unico e exclusivo de o adular. Nada d'isso.

Vou, portanto, dizer duas palavras a respeito do artigo em questão.

Mas antes de começar, devo prevenir os leitores de que não vou fazer uma critica. A minha inexperiença não me dá authoridade, nem tão pouco inspira a confiança precisa n'um trabalho de analyse scientifica, trabalho excessivamente difficil e melindroso, incompativel não só com a minha pouca idade, mas ainda com a incerta e bem pouca firme orientação do meu espirito.

Limitar-me-hei, pois, a dizer com a maxima franqueza, as impressões com que fiquei depois da leitura do referido artigo. E, perdoe-me s. ex.<sup>a</sup>, se for um tanto rude na minha exposição, porque o não faço com o intuito de o melindrar e muito menos, de o magoar.

Acertadissima e feliz foi a escolha.

A electricidade, com todos os seus segredos, com todos os seus mysterios é, na realidade, assumpto que attrae a attenção, que convida a umas divagações philosophicas sobre a sua origem, sobre o seu modo de ser intimo, sobre a sua transmissão, é um assumpto altamente scientifico que, com todas as suas bellezas, como todas as suas surpresas, se nos impõe, que nos agrilhoa constantemente a curiosidade, é o tal *agente natural energico*, excitador de attracções e repulsões, de scintillas incandescentes, de reacções moleculares, de commoções organicas, como v. ex.<sup>a</sup> diz, que se acoberta sob o denso véo do mysterio, do *incognito*, não dizendo quem é, e que se nos mostra apenas pelos seus surprehendedentes effeitos.

Era assumpto que, convenientemente tratado, daria umas paginas magnificas, soberbas!

Acertadissima, pois, foi a escolha, repito.

Dividiu S. Ex.<sup>a</sup> o seu artigo em cinco paragrafos, tactando successivamente da naturaza e historia da electricidade, do modo de producção, da divisão dos corpos sob o ponto de vista da sua conductibilidade, da divisão da electricidade em estatica e dinamica, e finalmente dos factos principaes em que assenta a *doutrina electrica toda*.

Fallarei d'alguns pontos sob que encarou a questão e do modo como a tractou, frisando aquelles que, me parecem, lhe mereceram pouca attenção.

Que é electricidade? Que deveremos pensar d'essa concepção vulgar, baseada no conhecimento d'um fluido positivo e d'um fluido negativo? Haverá realmente dois fluidos electricos ou haverá um só?

Postas estas perguntas vejamos o que S. Ex.<sup>a</sup> respondeu a cada uma d'ellas.

A' primeira responde que é *um agente natural energico, excitador d'attracções e repulsões, de scintillas incandescentes, de reacções moleculares e de commoções organicas*. E nada mais diz passando immediatamente a occupar-se da sua historia. A' segunda limita-se apenas a repetir o que se sabia ha uns bons 150 annos dizendo-nos os nomes que Dufay dava a esses dois estados oppostos da electricidade—*vitreo e resinoso* nomes que Francklin mudou para—*positivo e negativo*.

Haverá realmente esses dois fluidos electricos positivo e negativo?

Hoje a dualidade dos fluidos só se nos poderá apresentar como um symbolo. Poderemos mesmo perguntar se alguma vez teve alguns visos de realidade.

Tem todos os caracteres d'uma ficção d'analyse, transporta immediatamente o espirito para o campo da mecanica; é, com effeito, em mecanica que denominamos os movimentos positivos ou negativos segundo se dão n'um ou n'outro sentido. A hypothese

da dualidade dos fluidos resolve-se n'uma pura concepção mathematica.

Haverá pelo menos um fluido especial a que se possa attribuir as propriedades electricas?

Não trepido, não hesito, um momento, em collocar o fluido electrico fóra da sciencia, em o ajuntar ao fluido calorifico, ao fluido luminoso e a tantas outras entidades antigas, hoje amortalhadas com o veo do passado.

Desappareceram como fumo, passaram á historia!

(Continúa).

Julio C. Vasques.

## HISTORIA DAS FERMENTAÇÕES

Como caracter constante dos phenomenos que primeiros se denominaram fermentações, apparece o desenvolvimento de bolhas gazosas, que davam aos liquidos assucarados em plena actividade a apparencia de liquidos ferventes, porisso a palavra accentua com a sua derivação aquelle constante caracter—*fervere* (fervêr).

A palavra, porem, perdeu logo a sua justa comprehensão, quando se designaram como fermentações outros phenomenos, nos quaes um corpo organico dissolvido se modifica, altera e transforma por influencia d'uma causa, cuja natureza por muito tempo se ignorou. Estes, em vez da tumultuosidade dos primeiros, faziam-se silenciosamente.

Esta dilatação de significado que o termo adquiriu, tem explicação na causa determinante d'estes phenomenos, que era commum aos primeiros, sem terem, todavia, o mesmo aspecto, a mesma apparencia.

Assim, a acedificação do vinho, phenomeno tão vulgar, é uma fermentação, não obstante ella não ser effervescente.

De todas as fermentações a mais conhecida, desde remotas datas, é a alcoolica, que por isso mereceu a deferenciados sabios, que se empenharam no estudo completo d'esta transformação; serve ella até de typo a todas as outras; é a fermentação por excellencia.

No vinho, é a fermentação alcoolica a abençoada transformadora que converte o mosto em bebida deliciosa, herança que tem passado de geração em geração até nós. São taes as virtudes d'esta bebida que os Egyptios perpetuam a memoria do cultivador da vinha, divinizando-o em Osiris, os Gregos em Baccho, e os Israelistas em Noé.

Moisés falla em seus livros do pão levedado e não levdado; tal é a antiguidade do conhecimento d'este nosso diario alimento. Os antigos serviam-se ou da levadura de cerveja ou d'uma massa, já preparada e acedificada, no fabrico do pão, ao mesmo tem-

po que lhes não era extranho o uso de certas bebidas fermentadas, como a cerveja, o hydromel, a cidra e o vinho de palmeira. Os alchimistas tinham no seu vocabulario, muitas vezes mysterioso, estas palavras—fermento e fermentação—a que não cunhavam um sentido restricto de maneira a fazer transparecer o que por ellas designavam. Não separavam elles as transformações ou alterações da materia organica da inorganica; as d'aquella eram comparadas ás dos compostos mineraes, como as dissoluções dos saes e dos metaes.

Bem quadrava á pedra philosophal, *essa sonhada vara magica*, o nome de fermento; pois não havia ella de ser a senhora que só pela sua presença, sem gasto nem maleficio, transmudaria o vil metal no nobre—o ouro?

Foram rigorosos os alchimistas n'este baptismo.

Basilio Valentim, alchymista, explica d'uma maneira curiosa a funcção da levadura na cerveja: communica ella, pelo seu dizer, uma inflammação interior ao liquido, que lhe separa as partes claras das turvas, e o alcool, cuja presença a conhecia no liquido, preexiste na decocção da cevada germinada, não sendo a sua acção manifesta e a sua distillição possivel, sem aquella previa separação.

Labavius, outro alchimista, julga o fermento de natureza semelhante á da materia fermentoscivel e requer para esta um estado liquido ou, pelo menos, de grande divisão; considera o agente principal da fermentação o calor do fermento. Este mesmo alchimista confunde, á imitação dos seus predecessores a fermentação com a putrefacção, mas distingue a digestão da fermentação.

Esta distincção verdadeira, que o é, não minora o abuso que se fez da fermentação, classificando como taes, phenomenos chimicos bem distinctos da fermentação.

A formação de gazes intestinaes, a producção do sangue e dos liquidos animaes, as gerações espontaneas e a effervescencia da cré ao contacto dos acidos, eis uma lista, onde phenomenos chimicos distinctos uns dos outros eram apparentados pelo seu titulo commun de fermentação.

A producção de gaz carbonico que caracteriza a fermentação alcoolica, foi claramente accentuada por Van Helmont, que o denominou *gaz vinorum*, apesar de não lhe reconhecer a sua identidade com o *gaz carbonum*, producto da combustão do carvão. Esta identidade só foi reconhecida em 1664 pelas investigações de Wren.

Um pouco depois d'esta data, em 1675, a effervescencia dos alcalis carbonatados sob a influencia dos acidos foi desligada das fermentações.

Lémery (curso de chimica) não faz esta separação tão complecta, e é sobremaneira extravagante o modo como explica a fermentação alcoolica.

Suppõe elle que o mosto contem grande quantidade de sal essencial, que é volátil; ora, como este é

envolvido, encarcerado pelas partes oleosas, a sua volatilidade, que não lhe permitta de bom grado esta prisão, obriga-o a penetrar por entre ellas, fendendo-as, dividindo-as, rarefazendo-as até as converter em espirito. Este esforço de divisão, separação e rarefacção causa a ebulição e concomitantemente a sua depuração, porque as partes grosseiras se separam em forma d'escuma; uma porção d'esta se petrafaz ao adherir á parede do vaso (*é o tartaro*), e a outra deposita-se e forma a *borra*. O espirito inflammavel do vinho é um oleo exaltado por saes.

Tal é a engenhosa explicação, que, arredada da experimentação, tem laivos de metaphysica.

D'esta aberração cae-se já no estudo positivo do phenomeno ao examinar os trabalhos de Becher.

Este é, de facto, o antecessor de Lavoisier; soube estabelecer as seguintes proposições, que são os primicias d'esta longa questão: 1.<sup>a</sup> os liquidos assucarados são os unicos capazes d'experimentarem a fermentação alcoolica; 2.<sup>a</sup> o alcool forma-se com o trabalho da fermentação; 3.<sup>a</sup> a collaboração do ar é necessaria.

A par d'isto, Becher precisa o sentido da palavra fermentação comprehendendo n'ella as producções de gazes por effervescencia, ou no estomago dos animaes doentes, a fermentação alcoolica e a acedificação.

Apuradas estas verdades, o caminho aplanase, e cada novo experimentador contribue com a sua quota d'asserções para o exacto conhecimento do phenomeno.

Willis e Stalh emittem opinião sobre a natureza intima do fermento, dotando-o d'um movimento molecular capaz de se transmittir á materia fermentoscivel. A esta ultima, Stahl dá-lhe uma composição bastante erronea: a materia fermentoscivel, era um conjuncto de particulas, formado pela união pouco intima de sal, oleo e terra, a que o fermento communica os eu movimento interior, de modo a separar as particulas heterogeneas, que logo se recombinavam em novos agrupamentos mais estaveis e de diferente composição.

De degrao em degrau, defrontamos com o maior genio, o pae da chimica moderna, Lavoisier, que, accommodando todos os estudos chimicos á experimentação, resolveu, de balança na mão, instrumento que é para a chimica o mais indispensavel, este phenomeno tão complexo como é a fermentação.

Com elle, o estudo d'este problemo mudou totalmente de direcção e as hypotheses cederam o lugar á observação dos factos reaes. Foi Lavoisier quem teve a gloria de escrever a monographia mais completa a tal respeito; o monolitho sobre que se levanta esta tão gigantesca e maravilhosa construcção.

Despontou com aquelle genio a aurora d'uma nova epocha, em que as fermentações foram contando seus dias successivamente assignalados por descobertas sempre crescentes, e a sciencia, representada pelos seus mais sagazes adeptos, tem pretendido, no empenho de dar a ultima demão a este tão intrinca-

do problema, encerrar com todo o afan para se votar a outros problemas que d'este esperam toda a luz; apesar d'este esforço, o problema dos fermentações é um dos mais obscuros e difíceis de resolver.

A. V. Cid.

## A LEI DA CONCORRENCIA NAS SOCIEDADES MODERNAS

Pela observação do desenvolvimento das especies os naturalistas modernos viram que esse desenvolvimento é muito mais consideravel nas especies superiores, isto é, n'aquellas que possuem em si meios mais perfeitos de assimilação e appropriação, e que, os que não possuem esses meios em tão larga escala, são por esse facto subordinados, sendo o seu desenvolvimento mais lento, se por ventura conseguem subsistir.

D'aqui decorre que as especies superiores absorvem no trabalho do seu desenvolvimento parte ou totalidade das forças das especies inferiores, o que estabeleceu a lei de Darwin — *struggle for life*. Este phenomeno reproduz-se evidentemente nos individuos da mesma especie que as desigualdades physicas, moraes e intellectuaes differenciam, e apparece ainda entre os differentes órgãos d'um mesmo individuo o que explica a differença de valor das funcções de cada órgão. Assim a funcção cerebral do homem é necessariamente superior á totalidade da força physica de todos os seus órgãos, ou por outra, *vontade humana*, filha do trabalho material do cerebro, é sempre superior a todas as forças colligadas da economia physica.

Attenta a universalidade d'esta lei, pensaram os economistas transplantá-la ás relações sociaes e attribuem ás desigualdades da natureza a fatalidade das desigualdades economicas. Que, se a lei universal, dizem elles, é a lei da lucta pela existencia, n'essa lucta os *inferiores* hão-de forçosamente fornecer os meios de vida aos *superiores* mais aptos, mais fortes, mais ageis e consequentemente com maior poder de assimilação e appropriação.

Entre muitos pensadores que defendem a *humanidade* d'esta lei apparece a individualidade mais portentosa do seculo — Herbert Spencer.

Por certo que não queremos ter a vaidade de pôr em duvida as doutrinas formidaveis d'este profundo pensador, limitamo-nos apenas a n'este ponto expor o nosso modo de ver.

A applicação da selecção natural á economia politica é pouco justa senão inconsequente.

Originariamente as desigualdades na especie humana proveem de duas fontes distinctas: desigualdades cosmicas derivadas das differenças do meio cosmico, climatericas, ethnicas, geographicas e histori-

cas e desigualdades economicas que não podemos attribuir senão ao meio economico ou mais directamente á imposição artificial da lei da concorrência nas sociedades. Dizemos imposição artificial, porque é nossa opinião que a lei da concorrência nas sociedades, nasceu d'uma necessidade transitoria, e que ella está, por esse facto, destinada a fatalmente desaparecer logo que se complete a transição.

Faremos uma synthese resumida da nossa proposição.

Porto 6 de Janeiro de 1887.

Antonio Pleias.

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

### PEQUENA CORRESPONDENCIA

Bernabé sem voz—Não tem outro nome sem ser o de Bernabé?

R. Folhempote—Braga—Encontrará alguma coisa da sua lavra n'este numero. A respeito da charada em verso... ora válha-nos Deus e a Virgem... cá recebemos não era pressa... Aquelle *eta!* aquelle *eta!*...

Piparote—Barcellos—D'um piparote precisava o amigo. As suas charadas fazem-me lembrar esta pergunta enigmatica: Qual a coisa, qual é ella que se põe na cabeça e se chama chapeo?

Todavia, sempre lhe pude salvar uma.

## CHARADAS

### Novissimas

Corre e vae correndo todos os dias—2—2.

Corre e pesa na Geometria—2—2

Porto.

J. C. V.

A mó allumia esta flôr—2—1

Barcellos.

A. Coelho.

### Electrica

A's direitas na Arimethica, ás avessas nos peixes 2

Braga.

R. Folhempote.

### Telegraphica

A's direitas e ás avessas usam-se—2

Barcellos.

Piparote.

**Em mappa**

2	2	No casaco
2	2	Tem agua
Tem agua	No casaco	

Barcellos.

A. Coelho.

**Decapitada**

Quem inventou a—não teve—lembrança.

Braga.

R. Falhempote.

**PROBLEMA**

Dois moveis caminham sobre um circulo de raio de 60.<sup>m</sup>, com velocidades proporcionaes a 7 e 5; e partem simultaneamente de duas origens que dividem o circulo em partes proporcionaes a 2 e 3. Pergunta-se quando é que se encontram, suppondo que caminham no mesmo sentido?

Porto.

Duarte Leite.

**Decifradores**

Decifraram as charadas do numero passado os ex.<sup>mos</sup> snrs. A. Coelho, de Barcellos e Rei Chiquito do Porto.

O enyigma foi decifrado apenas pelo ex.<sup>mo</sup> snr. J. Pereira Soares Santos da Regoa.

**DECIFRAÇÕES**

Das charadas novissimas—Gil-Braz, rebecca, salada, cardoso, larim

Da charada electrica—arroz

Da charada em mappa—ma la  
la ma

Do enigma—Vendo entremezes, desmaio

Do problema—A quantidade de zinco é de 17, gr. 07 e a do cobre 32, gr. 93.

**EXPEDIENTE**

Já mandamos reimprimir os primeiros numeros para satisfazer aos numerosos pedidos que nos têm sido feitos.

**CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA**

EM BARCELLOS

FÓRA DE BARCELLOS

Anno..... 1\$400 reis  
Mez..... 120 »

Anno..... 1\$500 reis  
Mez..... 140 »

Direcção e administração — Barcellos — Rua Direita.

**ANNUNCIOS**

**CONTRA A TOSSE**

Xarope peitoral James

UNICO legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approved nos hospitaes.

Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro.

Deposito geral na pharmacia-Franco, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito

**Pharmacia—FRANCO**

BELEM

**CONTRA A  DERILIDADE**

**FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO**

UNICA LEGALMENTE AUCTORISADA E PRIVILEGIADA

É UM TONICO reconstituente, e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos de peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas, e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debiliidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro.

Deposito geral na Pharmacia-FRANCO, em Belem. Pacote, 200 réis; pelo correio, 220 réis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito:

**Pharmacia—FRANCO**

BELEM

**Vinho nutritivo de carne**

Privilegiado e auctorisado pelo governo e approved pela Junta Consultiva de Saude Publica

É O MELHOR tonico nutritivo que se coubece: é muito digestivo, fortificante e reconstituente. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem os musculos, e voltam as forças. Um calix d'este vinho representa um bom bife.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro.

Deposito Geral

**Pharmacia—FRANCO**

BELEM